



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA/ LÍNGUA
INGLESA/ LIBRAS

JIRLENE DOS ANJOS SANTOS

**TRIUNFOS E FRACASSOS DA EXPLORAÇÃO: O DETERMINISMO
NOS PERSONAGENS JOÃO ROMÃO E JERÔNIMO EM *O CORTIÇO*
DE ALUÍSIO AZEVEDO.**

Amargosa-BA

2021

JIRLENE DOS ANJOS SANTOS

**TRIUNFOS E FRACASSOS DA EXPLORAÇÃO: O DETERMINISMO NOS
PERSONAGENS JOÃO ROMÃO E JERÔNIMO EM *O CORTIÇO* DE ALUÍSIO
AZEVEDO.**

Monografia apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de licenciada em Letras: Língua
Portuguesa/ Libras no Centro de Formação de Professores,
da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Mônica Gomes da Silva.

Amargosa-BA

2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

JIRLENE DOS ANJOS SANTOS

TRIUNFOS E FRACASSOS DA EXPLORAÇÃO: O DETERMINISMO NOS
PERSONAGENS JOÃO ROMÃO E JERÔNIMO EM *O CORTIÇO* DE ALUÍSIO
AZEVEDO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras-Português, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, *campus* Centro de Formação de Professores, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras à seguinte banca examinadora.

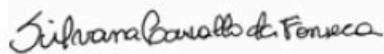
Aprovada em 24/05/2021

Banca Examinadora



PROF.ª DR.ª MÔNICA GOMES DA SILVA – Orientadora

UFRB



PROF.ª DR.ª SILVANA CARVALHO DA FONSECA

UFRB



PROF. DR. TARCÍSIO FERNANDES CORDEIRO

UFRB

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela força espiritual e coragem para suportar situações adversas e persistir na realização dos meus sonhos.

À UFRB e todo o seu corpo docente, direção, administração do Centro de Formação de Professores que, de alguma forma, contribuíram para a realização de um grande sonho. Aquele sonho que parecia ser tão distante, hoje torna-se realidade.

À minha orientadora Mônica Gomes da Silva, pelo suporte necessário, pela disposição e paciência que me foram concedidos durante o processo de realização deste trabalho.

A meu pai, Emílio Norberto dos Santos, por me ensinar desde cedo a nunca desistir e sempre me incentivar a estudar.

A todos os colegas e amigos que fizeram parte desta grande caminhada. Por fim, Obrigada a todos que contribuíram de forma direta ou indireta na conclusão desse trabalho, gratidão!

RESUMO

O objetivo deste trabalho consiste em um estudo dos personagens João Romão e Jerônimo do romance *O Cortiço* (1890) de Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo (1857-1913), discutindo acerca das configurações sociais, culturais e científicas que influenciaram na construção dos respectivos personagens. A monografia se volta para a representação do fracasso e o triunfo da exploração na narrativa, considerando que se trata de um romance naturalista e que dialoga com os conceitos cientificistas vigentes no século XIX a fim de denunciar as mazelas da sociedade brasileira. O estudo foi elaborado por meio do procedimento metodológico de cunho bibliográfico, especificamente, revisando as concepções propostas por Antonio Candido (2014), Afrânio Coutinho (1976), Dante Moreira Leite (2017), Darcy Ribeiro (2015) e Flora Süssekind (1984), dentre outros. Após a pesquisa realizada foi possível concluir que a sociedade brasileira da época se municiou dos preceitos deterministas com o fito de manter os privilégios com quem já os possuía.

Palavras-chave: Aluísio de Azevedo; Cientificismo; Determinismo; Eugenia; Naturalismo; *O cortiço*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 CIENTIFICISMO E NATURALISMO: TEORIA E EXPRESSÃO DO DETERMINISMO SOCIAL.....	10
2.1 As três raças tristes e o conceito de mestiçagem.....	13
2.2 A chegada do cientificismo no Brasil.....	16
2.3 O Naturalismo como estética.....	20
3 EXPLORAÇÃO E DECADÊNCIA: JOÃO ROMÃO E JERÔNIMO..	24
3.1 Clima, meio e raça.....	28
3.2 Inserção econômica: fracasso e triunfo da exploração.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39
ANEXOS.....	40
ANEXO 1.....	41
ANEXO 2.....	42

1 INTRODUÇÃO

No século XIX, o Brasil foi marcado por grandes mudanças nas esferas ideológicas, culturais, políticas, econômicas e sociais. Naquele século, uma nova forma de pensar foi inaugurada com o intuito de inserir o país na modernidade ocidental. Contudo, o período foi assinalado por contradições ideológicas da burguesia brasileira que aspirava em fazer parte da sociedade e do avanço europeus, sem renunciar dos privilégios e os ganhos adquiridos com o sistema escravocrata. Assim sendo, o pensamento liberal do pós-independência ficou apenas no discurso, pois modificou, superficialmente, o sistema político, mas não alterava o sistema socioeconômico resultante da exploração de bases colonialistas.

A partir dessa perspectiva, busca-se analisar os personagens João Romão e Jerônimo do romance *O Cortiço* (1890) de Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo (1857-1913). A análise dos personagens na obra supracitada tem em conta o pensamento em voga da época, em especial, o referente às teorias raciais ou racismo científico importados da Europa. O racismo científico se manifestou através do darwinismo social com o objetivo de naturalizar as desigualdades e marcar a supremacia branca. Em fins do século XIX, as teorias chegam ao Brasil, o país ainda era escravista, com fortes traços da colonização e infraestrutura urbana precária e incipiente.

Em meio a um contexto histórico tão diverso, faz-se necessário saber como adotar à realidade brasileira ideias vistas como científicas. Tal responsabilidade ficou a cargo dos intelectuais que adaptaram as ciências da época a fim de aplicar à realidade do Brasil. Abolir a escravidão era necessário, não tanto por questões humanitárias, mas para livrar o país do demérito frente a Europa. Com o desembarque “das ideias novas” no país — tais como evolucionismo, abolicionismo, positivismo, anarquismo, liberalismo, determinismo, republicanismo —, a classe intelectual ficou com a missão de aceitar ou rejeitar os novos conceitos. Nesse sentido, essas teorias chegaram com uma ideologia de linearidade, rumo à civilização em que aceitava o evolucionismo e afirmava que o Brasil era atrasado e inferior, pois o clima tropical e os mestiços impediam o progresso do país.

Esta monografia encontra-se estruturada em mais duas seções. A segunda seção intitulada de “Cientificismo e Naturalismo: teoria e expressão do determinismo social”, em que se discute a questão racial no século XIX, a chegada do cientificismo no Brasil e a estética naturalista. No imaginário da burguesia e de certa parcela da intelectualidade, fazia-se urgente e necessário adiantar o processo de modernização, mas havia um grande problema: os

trabalhadores. Dessa forma, a classe mais abastada via o proletariado e seus cortiços como pestes e/ou alvos de exploração. Já os defensores das teorias raciais colocavam a mestiçagem ora como possível salvação, ora como problema do Brasil.

A terceira seção “Exploração e decadência: João Romão e Jerônimo” trata como os conceitos de clima, meio e raça reverberam na caracterização dos personagens, já que o ambiente determinava as ações do homem, assim como o sistema econômico, baseado na exploração brutal do indivíduo, são representados pelas trajetórias de João Romão e Jerônimo, nas imagens invertidas de triunfo e fracasso na ascensão social de ambos imigrantes.

Imbuído em traçar um panorama da sociedade brasileira da época, por meio de uma linguagem científicista e determinista do homem e seus agrupamentos, compartilhando com as ideias de seu tempo, o romancista encontrou no Naturalismo do século XIX uma justificativa para abordar, em *O cortiço*, a hipocrisia burguesa e a miséria da massa através dos aspectos deterministas.

Para o naturalista, o homem era um produto biológico, cujo comportamento é consequência do ambiente social imposto e da hereditariedade. Sendo assim, *O cortiço* gira em torno do acúmulo de bens do português João Romão que não mede esforços para ascender socialmente. O avarento acumula dinheiro roubando e explorando, constrói casinhas para alugar e, nesse ambiente, vivem as mais diversas personagens: escravos, brancos, negros, mestiços e estrangeiros. Nota-se a influência do meio social, por exemplo, com a figura da mulata promíscua em Rita Baiana, do escravo fugido estigmatizado em Bertoleza e o europeu, mesmo pobre ou em processo de ascensão, como superiores nas figuras de Jerônimo e João Romão.

O cenário do cortiço é marcado pela sujeira e miséria, um espaço de degradação de corpos e almas. O que se observa, no decorrer da narrativa, é a exploração do homem pelo homem, a luta pela sobrevivência, a ideologia do triunfo dos mais aptos, em aceitação com os ideais evolucionistas da época, a exemplo do determinismo geográfico e biológico, em que os personagens agem por instinto ao clima tropical e à hereditariedade.

A escolha de me aprofundar nesta obra ocorreu no meu segundo semestre quando a conheci em uma disciplina de Estudos Literários, ministrado pela professora Ângela Vilma. Em equipe, nós apresentamos um resumo da obra para os colegas e fomos colocando o que mais tinha chamado nossa atenção. Lembro-me de uma colega mencionar a relação de Leonine e Pombinha, outra o quanto a Rita era “moderna”. Ao final da apresentação, depois da professora fazer as colocações a respeito livro, eu fiquei com a impressão de não saber absolutamente nada. Tudo que eu tinha visto era superficial, raso, diante do que Ângela Vilma

colocou. Ao chegar em casa naquela noite, fui buscar um pouco mais sobre o naturalismo, e decidi que meu trabalho de conclusão seria sobre essa obra que eu não compreendia muito, mas me inquietava prontamente.

A priori, escolhi trabalhar a influência do meio nos dois personagens: Jerônimo e João Romão, no entanto, eu não tinha a dimensão das ciências da época e como isso afetava diretamente a obra. Foi apenas a partir do contato com minha orientadora, Mônica Gomes e das leituras indicadas por ela, que eu comecei a compreender melhor as ciências do século XIX e, conseqüentemente, o romance azevediano. *O cortiço* é uma obra fascinante, não só por conter marcas históricas da nossa sociedade, mas, principalmente, porque nos faz refletir e questionar a sociedade do século XIX.

2 CIENTIFICISMO E NATURALISMO: TEORIA E EXPRESSÃO DO DETERMINISMO SOCIAL

Para o estudo do romance *O cortiço* de Aluísio Azevedo, partimos da pesquisa acerca do pensamento científico da época, cujos conceitos foram representados, literariamente, pelo Naturalismo. Segundo Afrânio Coutinho (1976), o Naturalismo é uma escola literária que surgiu na França, em 1850, mas ganhou destaque em 1880 com um grupo liderado por Émile Zola (1840-1902), "cujos encontros denominados de *Soirées de Médan*, que o erige como síntese de uma nova concepção literária" (COUTINHO, 1976, p. 189). Inspirado na obra de Claude Bernard, *Introduction à la Médecine Expérimentale* (1865), o escritor francês Zola, em seu romance *Le Roman Expérimental*, defende a obra como uma experiência de laboratório e suas verdades eram estabelecidas pela ciência da época. O homem era um objeto de estudo e, portanto, poderia ser representado, sendo o homem produto biológico do meio, seus comportamentos eram resultados da imposição do meio social e hereditariedade, com isso "A visão da vida no Naturalismo é mais determinista, mais mecanicista: o homem é um animal, presa de forças fatais e superiores e impulsionado pela fisiologia em igualdade de proporções que pelos espírito ou a razão" (COUTINHO, 1976, p. 189).

Entre as teorias deterministas, defendia-se a ideia de superioridade das raças, em que os brancos eram superiores e civilizados, e a insalubridade do clima quente que causava problemas para o avanço dos trópicos. A miscigenação e o clima quente eram agentes de desonra de um povo, dessa forma Dante Moreira Leite (2017, p. 253) elucidada:

A natureza, até então considerada benéfica e privilegiada, será agora acusada de muitos males, seja à saúde, seja à vida psicológica do brasileiro; o homem, até então considerado heroico, senão perfeito, será apresentado como ser inferior ao de outros países, sobretudo das nações industrializadas da Europa.

Segundo Leite, a natureza que antes era vista de forma favorável e bela pelos românticos, agora é considerada como uma peste, pois seu calor excessivo é prejudicial à saúde física e mental. Portanto, o homem do romantismo aqui se faz ínfimo e miserável, pois é oriundo de raças inferiores e vive em um lugar degenerado. O clima tropical é um dos principais motivos de corrupção humana e inferioridade dos brasileiros.

Um outro conceito bastante usado no século XIX, era o evolucionismo social, de Hebert Spencer (1820-1903). O evolucionismo social, a partir do conceito de evolução das espécies, aplica a mesma regra da natureza para o desenvolvimento social. Assim como no reino animal, em sociedade sobrevive o mais apto. Nesse sentido, Leite (2017, p. 237) faz a

seguinte análise: "Se resultava de uma evolução, de que participava juntamente com os outros animais, o homem pouco se distinguiria destes, e os processos utilizados para o estudo biológico serviriam também para o estudo psicológico e sociológico".

Iniciava-se, assim, o que o autor denomina de "ideologia do pessimismo", em que se tecem novas bases teóricas para explicar a exploração do homem sobre o homem. Os intelectuais brasileiros, a exemplo de Sílvio Romero, aderem à contraditória ciência determinista do período que vão fomentar um novo entendimento de nacionalidade: "Como aceitava as teorias racistas e as teorias sobre a insalubridade do clima tropical, esse nacionalismo será um curioso conjunto de incoerência: num clima, três raças inferiores estão destinadas a um grande futuro" (LEITE, 2017, p. 253). Observa-se que as ideias da Europa subsidiavam o pensamento dos intelectuais brasileiros, numa chave paradoxal. No entanto, ao aceitarem tais teorias, os pensadores da nacionalidade colocavam o Brasil como inferior, pois toda sua composição era de elementos degradantes como o clima, o meio e a raça, por conseguinte, o país seria condenado a ser governado por países superiores.

Sílvio Romero, um dos maiores críticos literários do Brasil no século XIX, em seu livro *História da Literatura Brasileira* (1888) aborda as novidades que estão chegando da Europa e influenciando o brasileiro e as convulsões no cenário político. Vejamos:

De repente, por um movimento subterrâneo, que vinha de longe, a instabilidade de todas as coisas se mostrou e o sofisma do império apareceu em toda a sua nudez. A guerra do Paraguai estava a mostrar a todas as vistas os imensos defeitos de nossa organização militar e o acanhado de nossos progressos sociais, desvendando repugnantemente a chaga da escravidão; e, então, a questão dos cativos se agita logo e após é seguida da questão religiosa; tudo se põe em discussão: o aparelho sofisticado das eleições, o sistema de arrocho das instituições policiais e da magistratura e inúmeros problemas econômicos; o partido liberal, expelido do poder, comove-se desusadamente e lança aos quatro ventos um programa de extrema democracia, quase um verdadeiro socialismo; o partido republicano se organiza e inicia um programa tenaz, que nada faria apagar.

Na política, é um mundo inteiro que vacila. Nas regiões do pensamento teórico, o travamento da peleja foi ainda mais formidável, porque o atraso era horroroso.

Um bando de ideias novas esvoaçava sobre nós de todos os pontos do horizonte. (ROMERO *apud* LEITE, 2017, p. 240).

As "ideias novas" vêm da Europa, principalmente, da França, a Inglaterra e a Alemanha. Essas informações, que influenciavam os brasileiros, vinham de um grupo de estudiosos e começavam a inspirar a vida dos intelectuais. Além do já mencionado darwinismo social de Hebert Spencer, as ideias positivistas de Augusto Comte (1798-1857) começavam a fazer parte do pensamento dos letrados nacionais com o cientificismo, supostamente racional, o qual fornecia um julgamento completo da realidade. A procura por uma realidade palpável que começou na Europa, chegou ao Brasil e se tornou uma discussão

sobre o homem, a identidade desses povos, o meio físico em que viviam, seu espaço geográfico, ou seja, um debate acerca da nacionalidade, pois era uma tarefa intelectual e política. Para os nossos intelectuais da época, os “evolucionistas” eram as grandes inspirações já que estes:

Aceitavam uma evolução linear da história humana, cujo ponto final seria a sociedade europeia do século XIX. Pelo menos a partir de Darwin, pensa-se que essa evolução resulta da luta pela vida, onde os mais fortes vencem os mais fracos, transmitindo aos seus descendentes essa maior adaptabilidade ao ambiente. (LEITE, 2017, p. 241).

Ao disseminar o discurso europeu dessas “ideias novas”, os intelectuais brasileiros criaram um complexo de inferioridade do Brasil diante dos países europeus, sendo pessimistas quanto ao futuro do país: “Se o Brasil era evidentemente composto de raças inferiores, seria necessário considerar que o país estaria irremediavelmente condenado a ser dominado por raças superiores” (LEITE, 2017, p. 242). O predomínio das ideologias racistas na mente dos brasileiros se consolidava à medida que as ciências postulavam a supremacia da raça branca e os benefícios da eugenia.

O Brasil seria composto por indivíduos de raças inferiores, logo os brasileiros eram menosprezados, visto como medíocres, pois a maior parte da população brasileira do século XIX era composta por negros, índios, mestiços, escravos e pobres, portanto eram sub-raças, infelizes e incapazes de governar. Sendo assim, a visão negativa do brasileiro no século XIX, advém da ideia de um povo não civilizado, do preconceito, do racismo, das ideologias de classes superiores e inferiores, de raças que nasceram para dominar e as que nasceram para serem dominadas, servirem e trabalharem porque foram criados pela natureza para isso, por serem mais resistentes ao trabalho braçal.

Em *Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX*, Renato Ortiz problematiza a questão da identidade nacional no que tange às relações raciais, tendo em vista que alguns autores que foram considerados os precursores das Ciências Sociais no Brasil: “Como foi possível a existência de tais interpretações, e, mais ainda, que elas tenham alcançado o status de Ciências” (ORTIZ, 1994, p. 13).

Nesse sentido, segundo Ortiz, Sílvio Romero usou a teoria positivista de Comte, o darwinismo social e do evolucionismo. No entanto, observa-se que o evolucionismo tem um olhar político que privilegia a Europa em avanço com a expansão capitalista, em que reflete como pesar a nova realidade dessa nação que emerge e surge a preocupação de muitos intelectuais do XIX em compreender o “atraso” do Brasil. Para o autor:

Torna-se necessário, por isso, explicar o “atraso” brasileiro e apontar para um futuro próximo, ou remoto, a possibilidade de o Brasil se constituir enquanto povo, isto é, como nação. O dilema dos intelectuais desta época é compreender a defasagem entre teoria e realidade, o que se consubstancia na construção de uma identidade nacional. (ORTIZ, 1994, p. 13).

Por dispor de características próprias, por elementos como geografia e a miscigenação que modelaram a construção da identidade nacional, provando assim a impossibilidade de uma simples cópia frente a Europa. O impasse dos intelectuais, no fim do século XIX, era o da construção da identidade do Brasil. O país encontrava-se em um momento de reorganização como a Abolição da Escravatura e a forte imigração estrangeira. O Brasil vivia a problemática da formação de uma economia capitalista junto a uma visão ideológica que buscava, incessantemente, o branqueamento da nação brasileira.

Para atender aos tópicos elencados e realizarmos a análise dos personagens Jerônimo e João Romão d’*O cortiço*, vamos revisar, brevemente, a questão racial nos primeiros séculos coloniais. Depois a chegada do cientificismo no Brasil, a interpretação das “novas ideias” pelos intelectuais brasileiros. Na sequência, o estudo da estética naturalista, movimento artístico que será campo expressivo desses conceitos cientificistas e deterministas.

2.1 As três raças tristes e o conceito de mestiçagem

A mistura racial e a mestiçagem são componentes indispensáveis na formação do Brasil. A expansão marítima europeia foi a principal agente de hibridização entre os três povos, as grandes navegações eram de caráter comercial, mas culminou em uma fusão étnica e cultural. Desse modo, Darcy Ribeiro (2015) coloca-os como fazedores de gente, visto que esses indivíduos tiveram uma capacidade enorme de convocar, desfazer e refazer pessoas aos milhares. O projeto colonial voltado para a ascensão econômica, cujo objetivo estava distante de criar um povo novo e autônomo, mas a consequência principal foi uma nova configuração étnica e cultural advinda das matrizes diaspóricas africanas. Sendo assim:

No palco étnico-cultural, essa transfiguração se dá pela gestação de uma etnia nova, que foi unificando, na língua e nos costumes, o índios desengajados do seu viver gentílico, os negros trazidos da África, e os europeus aqui querenciados. Era o Brasil que surgia, construído com os tijolos dessas matrizes à medida que elas iam sendo desfeitas. (RIBEIRO, 2015, p. 26).

Essa fusão étnica e cultural se desenvolveu a partir do entrechoque brutal entre os colonizadores deslocados, os nativos escravizados e violentados e os negros prisioneiros e

forçados a abandonar sua matriz. Esse processo violento e desumano culminou em uma mistura genética que gerou o mestiço.

De início, com o cunhadismo, uma tradição indígena de acolher desconhecidos em suas aldeias e dar-lhe uma índia como esposa. A partir do momento em que o estranho a tomasse com tal, firmava-se um compromisso com toda aldeia e este se tornava parte da família (RIBEIRO, 2015, p. 63). Essa comunhão dos brancos com os índios perdurou por um curto período, pois ao contrário dos índios que estavam encantados com os novos parentes e fazia tudo para agradar-lhes, os brancos os viam como subproduto, uma mão de obra barata. As índias eram usadas sexualmente para a reprodução e os afazeres domésticos e os índios para o trabalho braçal.

Essa convergência cordial, configurada com o cunhadismo e o encantamento dos índios com os adereços que os europeu lhe davam em troca de seus serviços, foi se diluindo à medida que o trabalho aumentava e os nativos já estavam fartos das ninharias europeias. Para tanto, Darcy Ribeiro (2015, pp. 70-71) salienta que:

Por longo tempo foi fácil aliciar índios para esses imensos esforços, tal era a atração das ferramentas e bugigangas. Com os anos, surgiram dificuldades, porque os índios queriam melhor retribuição por seus serviços, seja porque os paus-de-tinta estavam cada vez mais escassos e longínquos, seja porque as roças que abriam para os brancos em troca de escambo tinham que ser cada vez maiores, dado o aumento crescente do número deles; seja porque os índios estavam saciados dos artigos que os brancos lhe davam. Nessa altura, a escravidão começou a impor-se, como forma de conscrição da mão de obra.

Após as políticas de povoamento, o Brasil estava cada vez mais cheio de estrangeiros que chegavam com a promessa de riqueza. Muitas terras, poucos donos, logo foram apropriando-se dos nativos para os serviços pesados. A priori, o Português se aproveitou do cunhadismo para que os filhos da pátria que aqui estavam, usassem seus fiéis parentes para a captura de cativos de outras regiões através das guerras. Esses cativos capturados seriam agora escravos e iam servir como tal. Segundo Ribeiro (2015), no primeiro século no Brasil só havia escravos indígenas, só no século XVII que os negros começaram a chegar. O índio era visto como o serviçal ideal, visto que conhecia o território brasileiro e poderia viajar por horas fosse por terra ou pelos rios. E assim, os brasis, numa terra sem males, num paraíso que sempre existiu biologicamente e humanamente, dos quais diversos povos tribais coexistiam de forma harmoniosa e pacífica com a natureza, foram se perdendo e dando espaço a um novo Brasil que nasce sob uma era utópica. Dessa forma, além dos indígenas, os negros foram trazidos e forçados a trabalhar como escravos:

Aliciado para incrementar a produção açucareira comporia o contingente fundamental da mão de obra. Apesar do seu papel como agente cultural ter sido mais passivo do que ativo, o negro teve uma importância crucial, tanto por sua presença como a massa trabalhadora que produziu quase tudo que se fez, como por sua introdução sorrateira, mas tenaz e continuada, que remarcou o amálgama racial e cultural brasileiro com suas cores mais fortes. (RIBEIRO,2015, p. 87).

Muitos negros foram desenraizados de sua pátria para se tornar a massa vital na construção do Brasil. Como coloca Ribeiro (2015), toda cultura brasileira tem aspectos da cultura africana, pois o negro é a base construtora dessa sociedade. Os africanos trazidos para cá vieram, principalmente, da Costa Ocidental, do norte da África — ao norte do Equador do conhecido ciclo da Guiné —, depois os povos bantos vindos da região de Angola e do Congo. Todos os povos africanos possuíam suas culturas, seus dialetos, suas religiões, assim como os indígenas donos das terras brasileiras. Ambas as nações, foram invadidas, violadas e seus nativos destruídos aos poucos. Os negros arrancados, compulsoriamente, de suas terras, de sua família e traficados para o Brasil, eram separados nos navios negreiros os povos que falavam o mesmo dialeto, eram da mesma comunidade, casados ou parentes eram apartados para evitar resistências e ficarem ainda mais frágeis na nova condição de desumanidade:

A empresa escravista, fundada na apropriação de seres humanos através da violência mais crua e da coerção permanente, exercida através dos castigos mais atrozes, atua como um mó desumanizadora e deculturadora de eficácia incomparável. Submetido a essa compressão, qualquer povo é desapropriado de si, deixando de ser ele próprio, primeiro, para ser ninguém ao ver-se reduzido a uma condição de bem semovente, como um animal de carga; depois, para ser outro, quando transfigurado etnicamente na linha consentida pelo senhor, que é a mais compatível com a preservação de seus interesses. (RIBEIRO, 2015, p. 89).

Como evidencia o pesquisador, a empresa escravista tinha como objetivo dissecar a alma dos escravos até não lhe sobrar mais nenhuma humanidade. Esse dessecamento se materializa através das torturas físicas e psicológicas. Pessoas que foram jogadas em condições de insalubridade longe de tudo que conheciam e amavam, sua religião, seus familiares, sua língua. Contudo, a tentativa do europeu em fazer o africano e o nativo esquecerem suas raízes, seu eu, seu altruísmo foram em vão. Mesmo barbarizados, traumatizados, torturados, reduzidos à condição de um mero bem material, eles se mantiveram humanos, “O espantoso é que os índios como os pretos, postos nesse engenho deculturativo, conseguiram permanecer humanos (RIBEIRO, 2015, p. 90).

Sendo assim, mesmo como todo o esforço do branco em dizimar os demais povos, estes resistiram e foram se ajustando às novas condições, adaptaram as religiões, a cultura, e com sabedoria usaram a língua do europeu como uma arma. Uma arma que antes afastava, mas agora usada para a aproximação, fusão de culturas e povos que sobrevivem e crescem

cada vez mais. Segundo Ribeiro (1995), o gerir de uma criança mulata no Brasil não era pecado aos olhos das matrizes europeia, nem africana, mas um ensejo satisfatório. A confluência cultural e histórica dos novos indivíduos acontece com o caldeamento das diferentes matrizes, dessa forma, a identidade desse povo novo acontece depois do contato físico, visto que "O brasilíndio como o afro-brasileiro existiam numa terra de ninguém etnicamente falando, e é a partir dessa carência essencial, para livrar-se da ninguentude de não índio, não europeu e não negro, que eles se veem forçados a criar a sua própria identidade étnica: a brasileira (RIBEIRO, 2015, p. 99).

Assim, o mestiço como elemento primordial na formação do tipo novo de brasileiro, uma nova identidade forjada entre negros, brancos e índios, com especificidades étnicas diferentes. Nascido em uma terra de ninguém sem pertencer a lugar algum, excluídos e marginalizados eles se reconheceram como brasileiros. Porém, no final do século XIX, a questão racial e o mestiçamento começou a ser debatido por muitos intelectuais brasileiros, conquanto, muitos deles, não via com bons olhos e lhes conferiam uma parcela de culpa pelo atraso do Brasil frente à Europa.

2.2 A chegada do cientificismo no Brasil

Segundo Dante Moreira Leite, as ciências naturais se popularizaram na segunda metade do século XIX, quando transpassaram seus conhecimentos para análise do homem. Nesse contexto, as ciências ganharam força e prestígio, porém, o mérito das ciências naturais e o esforço para tornar científico o saber humano. Nesse campo, segundo Leite, a teoria evolucionista de Charles Darwin causará profundos impactos no conhecimento científico do século XIX:

O evolucionismo de Darwin tem um lugar muito saliente, sobretudo porque permite colocar o homem, definitivamente, no campo das ciências naturais. Se resultava de uma evolução, de que participava juntamente com os outros animais, o homem pouco se distinguiria destes, e os processos utilizados para o estudo biológico serviam também para o estudo sociológico e psicológico. (LEITE, 2017, p. 237).

O darwinismo social foi uma apropriação feita pelas ciências naturais e aplicada ao comportamento humano. Os evolucionistas partilhavam da ideia de uma evolução linear, em que a luta pela sobrevivência estava relacionada à ancestralidade, a genética passada de geração para geração, selecionava quem era o mais forte e o mais fraco. A raça determinava e

condenava o desenvolvimento de um povo, visto que se o indivíduo é pertencente a uma sub-raça, evidentemente, será incapaz de ir além do que está determinado em seus genes.

Essa teoria defendia a existência de uma raça superior, logo representada pelos brancos europeus que eram, naturalmente, capazes de levar a civilização e o desenvolvimento para as sub-raças, que nesse caso são os índios, africanos e mestiços. Fundamentada no que eles chamavam de “seleção natural entre espécies” o mesmo ocorreria nas sociedades humanas. Segundo esse pensamento, desenvolve-se a ideologia da missão europeia de tirar os demais povos do atraso, da selvageria, uma justificativa que eles usavam para a escravização e a expansão imperialista.

A teoria das raças surgiu ao final do século XVIII e início do século XIX com Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882), filósofo francês, considerado o “pai do racismo moderno”. Gobineau foi um dos maiores defensores da superioridade da raça branca. A partir de então, foram surgindo variados trabalhos, os quais tinham como objetivo identificar e catalogar as diferenças entre as espécies humanas. As teorias raciais tiveram um crescimento expressivo e tentaram justificar tanto a ordem social, a diferença entre ricos e pobres, quanto as diferenças entre as nações servindo à expansão imperialista europeia que, através do poder e saberes científicos, apropriava-se de outros territórios impondo-lhe sua cultura e “civilização”. Segundo essa ideia, os europeus eram superiores, pois eram brancos, derivam de uma raça nórdica, pura, inteligentes e tinham como dever levar essa civilização aos bárbaros, os “não civilizados”.

O poema “O fardo do homem branco” (1894) do poeta britânico Rudyard Kipling (1865-1936) sintetiza, através da metáfora do “fardo do homem branco”, o pensamento imperialista embasado pelos conceitos deterministas da época. O poema vai ter grande repercussão e será alvo de homenagem na charge de Victor Gillam (Cf. ANEXO I), “*The white man's burden (Apologies to Kipling)*” (1899). Ao lado da representação da difícil missão do homem branco (um inglês) em civilizar os selvagens, levando a educação, a religião cristã, ultrapassando um caminho de pedras com o fardo pesado em suas costas, o chargista coloca como uma dos “carregadores do fardo” a figura do Tio Sam, mostrando, assim, a entrada na corrida imperialista por parte dos Estados Unidos.

A visão que o homem branco europeu — e aderindo ao discurso imperialista, o homem estadunidense — poderia sair escravizando o resto do mundo, tinha como base o princípio de que existia uma humanidade civilizada, esclarecida e superior, que precisava espalhar essa sabedoria aos não civilizados que, em alguns momentos, são vistos como não

humanos. Assim, negligenciam culturas, suprimiam saberes de outros povos, colocando-os à margem de sua própria história.

Dante Moreira Leite reflete sobre a valorização de um determinado grupo que prevalece e sobrepõe/impõe suas narrativas e criam uma ideia universal de mundo. Os grupos marginalizados perdem suas identidades que passam a introjetar o padrão imposto: "A imagem da classe dominante, projetado na mente das classes subalternas, acabou prevalecendo e virou moeda corrente, fora do país de origem, servindo de modelo para o ajuizamento da nação como um todo" (LEITE, 2017, p. 135).

A Eugenia é outra teoria importante e compõe o arsenal cientificista, voltando-se para o aprimoramento racial. Com a premissa do desenvolvimento de um modelo científico, cujo objetivo era elevar a raça humana através do controle da reprodução, ou seja, um processo de "seleção artificial" pelo branqueamento das raças de forma que promovesse uma limpeza racial dos grupos inferiorizados. A Eugenia foi posta em prática no Brasil com o incentivo da imigração europeia para purificação das sub-raças, propondo, assim, um "melhoramento" racial do povo brasileiro. Para tanto, a legitimação desses imigrantes europeus foi posta em prática com o Decreto nº 528, de junho de 1890, o qual, Manuel Deodoro da Fonseca (1822-1892), chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos no Brasil, determina que:

Art. 1º E' inteiramente livre a entrada, nos portos da Republica, dos individuos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos á acção criminal do seu paiz, exceptuados os indigenas da Asia, ou da Africa que sómente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admittidos de accordo com as condições que forem então estipuladas. (Decreto do Governo Provisório, 6 fascículo, Rio de Janeiro, 1890).

É visível o interesse da política de Estado em financiar a entrada de imigrantes capazes de trabalhar, desde que esses não estivessem sob processo criminal em seu país de origem, exceto os povos africanos e asiáticos. A política de branqueamento das raças tinha como objetivo "civilizar" o país, uma vez que este era degenerado pelas sub-raça. O intelectual e antropólogo brasileiro, João Batista de Lacerda (1846-1915), participou do I Congresso Mundial das Raça (Londres, 1911), o qual foi ovacionado e premiado por sua tese em que segundo ele, o Brasil em 100 anos não teria mais o elemento negro em sua composição, visto que a mestiçagem diluiria o fator negativo do gene negro. Para Lacerda, a mistura das raças deixaria de ser um problema e se tornaria a solução, pois em 2010 o Brasil não teria mais nenhum negro:

A população mista do Brasil deverá então ter, dentro de um século, um aspecto bem diferente do atual. As correntes de imigração europeia, que aumentam a cada dia e em maior grau o elemento branco desta população, terminarão, ao fim de certo tempo, por sufocar os elementos dentro dos quais poderiam persistir ainda alguns traços do negro. (LACERDA *apud* SCHWARCZ, 2011, p. 239).

Com o objetivo de aniquilar a raça negra no Brasil, Lacerda coloca em discussão os "fatores animalescos" e observa que, apesar de haver algumas características físicas diferentes entre eles, ambos formavam duas raças e não duas espécies. Sendo assim, negros e brancos, ao "cruzarem", formavam uma raça nova, variável que transitava nos dois mundos. Não tinha a força bruta do negro, nem a disposição para trabalhos braçais, mas em contrapartida tinha a inteligência do homem branco e seria de grandes artistas e até políticos no futuro. Dessa forma, os mestiços contribuiriam para o avanço do Brasil à medida que com a imigração crescente dos povos de raça pura, logo o povo negro desapareceria.

Para ilustrar sua tese sobre os mestiços brasileiros, João Batista de Lacerda na abertura do Congresso Mundial das Raças, apropriou-se da tela do artista Modesto Brocos (1852-1936), conhecida como *A redenção de Cam* (Cf. ANEXO II) para destacar, visualmente, como seria o processo civilizatório e a contribuição da mestiçagem para a limpeza da raça no Brasil dentro de um século. A tela era uma espécie de resumo visual de sua tese, a diluição do gene negro de forma cíclica. O darwinismo social considerava que as raças eram eventos finais, o homem branco europeu estava no topo e na base estava os indígenas e os negros.

Ao contrário de intelectuais como Sílvio Romero, João Batista de Lacerda via a mestiçagem como fator positivo, visto que o cruzamento dessas duas raças iria gerar a progressiva diluição da população negra. Para eles existiam raças humanas entre as quais a negra que possuía genes inferiores. Conquanto, o estudioso brasileiro Nina Rodrigues (1862-1906), compartilhando das mesmas ideias do pesquisador italiano Cesare Lombroso (1836-1909), defendia que pior do que a raça pura, era a mestiçagem. Nesse sentido, a mestiçagem era um fator negativo, pois criava tipos degenerados. Essa degeneração era entendida como um estigma biológico e social, manifestando-se em características físicas (testa alongada, cor escura) e doenças (loucura, epilepsia). Para tanto, Leite salienta que o preconceito de Nina Rodrigues era explícito e justificava a inferioridade do país com o contingente negro e a mestiçagem, vejamos:

A Raça Negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontáveis serviços à nossa civilização, por mais justificadas que sejam as simpatias de que a cercou o revoltante abuso da escravidão, por maiores que se revelem os generosos exageros de seus tubíferos, há de constituir sempre um dos fatores de nossa inferioridade como povo. Na trilogia do clima intertropical inóspito aos brancos, que flagela grande extensão do país; do Negro que quase não se civiliza; do Português rotineiro

e improgressista, duas circunstâncias conferem o segundo [isto é, ao negro] saliente preeminência: a mão forte contra o Branco que lhe empresta o clima tropical, as vastas proporções do mestiçamento que, entregue o país aos Mestiços, acabará privando-o, por largo prazo, pelo menos da direção suprema da Raça Branca. E essa foi a garantia da civilização nos Estados Unidos. (RODRIGUES apud LEITE, 2017, p. 287).

Segundo Nina Rodrigues, o negro era um grande problema no Brasil. Além disso, ele acredita que cada raça está em um nível de evolução e desenvolvimento que lhes conferiam as capacidades intelectuais. Para o autor, seria improvável civilizar raças inferiores porque isso destruiria etapas da evolução. Além disso, o cruzamento das raças poderia causar problema mental, advindo da raça inferior. Rodrigues ainda acrescenta que uma nação mestiça não sobreviveria por muito tempo, pois são desordeiros e anarquistas, características de raças menos evoluídas.

É preciso pontuar que o Brasil no século XIX passava por grandes mudanças devido à abolição e a aplicação de ideias liberais ao sistema econômico, por esse motivo a Literatura brasileira da época sofreu influência desses acontecimentos. No entanto, a influência literária não se conteve apenas ao contexto do Brasil, ela se expandiu para entender as ciências que vinham da Europa. Dessa forma, na próxima seção nos debruçaremos nas ciências que influenciaram a literatura brasileira do século XIX.

2.3 O Naturalismo como estética

O Naturalismo como movimento literário ganhou força na Europa com a publicação do livro *Germinal* (1880) de Émile Zola (1840-1902) e chegou ao Brasil no final do século XIX. Nesse período, os escritores brasileiros influenciados pelos europeus, passaram a usar a literatura como artefato de crítica social. O Naturalismo seria uma espécie de ramificação do

Realismo a que se acrescentam certos elementos, que o distinguem e tornam inconfundível sua fisionomia em relação a ele. Não é o exagero ou uma simples forma reforçada do Realismo [...] É o Realismo fortalecido por uma teoria peculiar, de cunho científico, uma visão materialista do homem, da vida e da sociedade. (COUTINHO, 1976, p. 188).

Em ambos movimentos, o escritor buscava representar de forma objetiva a realidade, sendo que, no Realismo, a representação se concretiza com a análise do indivíduo influenciando e sendo influenciado pelo meio; já o Naturalismo se configura pela força da animalidade do ser, ao passo que suas atitudes são fruto do meio em que está inserido.

Como Afrânio Coutinho evidencia, a tendência naturalista tinha as ideias concedidas de outros movimentos, a teoria científicista na qual o homem era identificado como produto do meio e seu comportamento se justificava pelas condições biológicas e sociais, em que suas atitudes e caráter estavam sobre influências incontestáveis do meio, da raça e da hereditariedade. Posto que todos os assuntos em volta do Naturalismo estavam relacionados à degradação humana, a ciência da época o classificava como patologia. Coutinho (1976, p, 189) acrescenta que:

O naturalista, com sua preocupação científica, declara-se de interesse amplos e universais, nada é desprovido de importância e significado como assunto, nada que esteja na natureza é indigno da literatura. Essa universalidade e fidelidade ao fato, a todos os fatos, conduz o Naturalismo a certo amoralismo, certa indiferença. Não importa a opinião sobre os atos, mas os atos em si mesmos.

As normas das narrativas naturalistas foram delimitada por Zola em seu livro *O Romance Experimental* (1880), vejamos:

O objetivo do método experimental, o termo de toda pesquisa científica é, portanto, para os corpos vivos e para os corpos brutos: consiste em encontrar as relações que prendem um fenômeno qualquer à sua causa próxima, ou em outras palavras, em determinar as condições necessárias à manifestação desse fenômeno. A ciência experimental não deve se preocupar com o porquê das coisas; ela explica o como e nada mais. (ZOLA, 1979, p. 27).

Dessa forma, observamos que Zola coloca a narrativa naturalista como um experimento de laboratório, do qual a condição biológica como sexo/raça e o clima são fatores determinantes na vida de seus personagens.

Por outro lado, o Naturalismo não considerava a subjetividade e as experiências do ser humano. O homem em sua complexidade existencial não era importante, nessa esfera, o que interessava era os fatores externos que modificavam seu comportamento. Nesse sentido, o científicismo estudava e tentava entender o meio, visto que o homem era apenas produto:

Como os realistas, porém, os naturalistas procuraram a verdade, desdenharam do sentimentalismo, preocuparam-se com a época contemporânea, e construíram seus livros sobre o fundamento dos fatos precisamente observados e fielmente recolhidos, ao mesmo tempo que o seus enredos e narrativas se moviam com lentidão. Aumentaram o interesse pela sociedade e sobretudo pelas suas camadas mais baixas, e puseram ênfase na liberdade de expressão. (COUTINHO, 1976, p. 189).

Aluísio de Azevedo é considerado um dos maiores expoentes do Naturalismo no Brasil. Os romances *O mulato* (1881) e *O cortiço* (1890) assentam a corrente naturalista no final do século XIX. No ensaio “De Cortiço a Cortiço”, Antonio Candido faz uma análise detalhada da obra de Azevedo síntese da influência da obra de Zola:

Aluísio de Azevedo se inspirou evidentemente em *L'Assommoir*, de Emile Zola, para escrever *O Cortiço* (1890), e por muitos aspectos seu livro é um texto segundo, que tomou de empréstimo não apenas a ideia de descrever a vida do trabalhador pobre no quadro de um cortiço, mas um bom número de motivos e pormenores, mais ou menos importantes. (CANDIDO, 2004, p. 112).

Candido traz algumas características em comum entre a obra de Azevedo e de Zola. Segundo o estudioso, a influência *L'Assommoir* sobre *o Cortiço* é nítida em muitos aspectos, não apenas na existência do próprio cortiço, mas também de alguns personagens. Ocorre que Emile Zola (1840-1902) priorizava no romance a ciência. Contudo, a ciência da época conjecturava que a miscigenação e o clima quente era um problema para a civilização nos trópicos e causava anomalias nos seres humanos. Dessa forma, ao aceitar as regras das narrativas naturalistas europeias, os escritores brasileiros construíam um documento que atestava a inferioridade do Brasil.

Flora Süssekind (1984, p. 173) salienta que o Naturalismo no romance brasileiro se fez presente em três momentos, o primeiro foi no século ascendente, quando se manifestou dentro do modelo “romance-caso clínico”, deliberado pelas leis de hereditariedade imitadas das ciências naturais. O segundo momento foi denominado de Romance de 30, do qual o Naturalismo aderiu às ideias das ciências sociais e o terceiro foi o do romance-reportagem, na década de 70. Dessa forma, a autora afirma que nos três modelos há diferenças nas narrativas, porém o caráter documental permanece invariável, o Naturalismo se caracteriza como uma ideologia e uma estética que produzem diversas analogias tem “a delicada função de restaurar por meios terapêuticos, econômicos ou jornalísticos, fraturas e divisões especialmente flagrantes na sociedade brasileira” (SÜSSEKIND, 1984, p. 173).

Segundo Süssekind, nos três momentos a forma narrativa permanece a mesma, o que mudou foi o caráter de documental das obras, os escritores, no século XIX, priorizavam e destacavam o científico, pois é a nova tendência. Contudo, a preocupação dos autores naturalistas no Brasil era a construção da identidade nacional. Para Süssekind, (1984, p. 45), o Naturalismo brasileiro se reconfigura, ganha novas formas, porém continua sendo uma estética falha e uma ideologia equivocada: “É bem possível que já a primeira transformação por que passa a estética naturalista no sistema intelectual brasileiro esteja na maneira que se 'integra' às necessidades ideológicas do país” (SÜSSEKIND, 1984, p. 50).

A autora coloca que o Naturalismo como movimento estético-literário não estava pronto e acabado com ideias bem delimitadas, tal qual não pudesse sair das fórmulas e ao chegar no Brasil ganhou características próprias. Essa transgressão estético-literária, no final do século XIX, efervesceu os brasileiros acerca da nova escola, de um lado os escritores que

persistiam em promover e disseminar o Naturalismo pelo país, do outro os críticos impiedosos que não mediam esforços para caracterizá-los de libidinosos, eróticos e escandalosos.

Como sabemos, o Naturalismo tem essa estrutura científica porque sofreu influência do Positivismo e Darwinismo Social. Essas duas correntes assentavam que o progresso capitalista e o branqueamento universal, extingiria todos os problemas causados pela desordem social e miscigenação racial. Sendo assim, o Naturalismo ao usar da forma descritiva para apresentar a realidade, acaba expondo os problemas das contradições capitalistas, uma vez que coloca o indivíduo como mero reflexo do meio. Deixando-o de ser agente para se tornar um figurante de sua própria história. Dessa forma, Candido salienta que a narrativa de Aluísio de Azevedo foi a primeira a relatar, detalhadamente, a forma de enriquecimento individual e essa originalidade do romance se encontra na relação direta entre o explorador e o explorado:

A originalidade do romance de Aluísio está nesta coexistência íntima do explorado e do explorador, tornada logicamente possível pela própria natureza elementar da acumulação num país que economicamente era semicolonial. Na França, o processo econômico já tinha posto o capitalista longe do trabalhador, mas aqui eles ainda estavam ligados, a começar pelo regime de escravidão, que acarreta não apenas o contato, mas exploração direta e predatória do trabalho muscular. (CANDIDO, 2004, p. 108).

Aluísio de Azevedo, um dos principais expoentes do Naturalismo brasileiro, deixou um patrimônio literário riquíssimo através das descrições sobre a vida nas cidades do século XIX, a miséria da grande massa popular, a exploração social, a desigualdade entre as classes, a decadência urbana no período imperial, a necessidade de uma reforma política e a exploração do trabalho escravo, entre outras. Além disso, Aluísio de Azevedo expõe a geografia brasileira de forma detalhada, a chegada do imigrante, a construção do espaço urbano com um contingente de indivíduos das diversas classes trabalhadoras, a paisagem construída a partir da cultura e os personagens partindo da ideia da influência do meio, é sobre isso que iremos nos debruçar na próxima seção com o romance *O cortiço*.

3 EXPLORAÇÃO E DECADÊNCIA: JOÃO ROMÃO E JERÔNIMO

O cortiço de Aluísio Azevedo retrata uma visão do Brasil no século XIX, expondo a realidade econômica, cultural e social da época. O romance destaca a exploração do trabalho no contexto urbano em um momento em que o capitalismo ganhava força. Influenciado pelo darwinismo, cientificismo e determinismo social, Azevedo descreve a degradação do espaço urbano brasileiro, em que a pobreza e a miséria eram fatores de degeneração moral do homem. Sobretudo, o meio das relações sociais e a natureza eram responsáveis pelos comportamentos ligados à violência, aos vícios e à promiscuidade, tendo em vista que o homem é produto biológico do meio e age de acordo com o instinto.

O cortiço, inicialmente, narra a saga de João Romão rumo à ascensão financeira e social. Para enriquecer, ele explora os empregados, passa por privações e furta para conseguir atingir seus objetivos. João Romão é o dono do cortiço, da taverna e da pedreira no bairro carioca de Botafogo. Sua amante, Bertoleza, uma escrava fugida que trabalha sem descanso e o ajuda a conseguir seus objetivos de acumulação pecuniária, inclusive, sendo despojada de seus bens.

Em oposição a João Romão, nos deparamos com o comerciante Miranda, um homem rico que mora com sua família em frente ao cortiço de João Romão e cria uma disputa com o taverneiro por uma pedaço de terra que deseja comprar para aumentar seu quintal. Com inveja de seu vizinho, que possui condição social mais elevada, João Romão trabalha de domingo a domingo para enriquecer mais do que seu oponente.

No entanto, quando Miranda ganha o título de Barão, seu rival se dá conta de que não basta ser rico, é preciso ostentar seu dinheiro usando roupas elegantes e frequentando lugares requintados, precisando do título nobiliário como parte da distinção social alcançada. Conforme atinge seus objetivos e para se igualar às conquistas de Miranda, João Romão muda sua estalagem, a começar pelo nome “Vila João Romão” que apresenta ares sofisticados, além de perder a aparência de desorganização e miserabilidade.

Nesse mesmo afã de ingressar para a alta sociedade e desfrutar das maravilhas que o dinheiro lhe proporcionava, nada mais justo do que uma "mulher à altura" do novo status atingido. No entanto, havia em sua vida um grande problema: Bertoleza. Para se livrar da amante, ele a denuncia para seu antigo dono como escrava fugida. Ao tentar capturá-la, Bertoleza comete suicídio e seu amante fica livre para seguir sua vida, casando com a filha do

barão Miranda, conseguindo, enfim, o lugar tão cobiçado na família e no sobrado de seu oponente.

Para atingir seus objetivos de enriquecimento, João Romão começou como empregado de um vendeiro que também era português. Ao regressar para sua terra, o vendeiro lhe deixou como pagamento a venda com tudo que tinha dentro. Com o objetivo de enriquecer para regressar a Portugal, Romão não media esforços "o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira fazendo de travesseiro um saco de estopa cheio de palha" (AZEVEDO, 1997, p, 13).

Ficar rico se torna seu único objetivo "Desde que a febre de possuir se apoderou dele totalmente, todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam a um interesse pecuniário. Só tinha uma preocupação: aumentar os bens" (AZEVEDO, 1997, p, 20). João Romão é um avarento que cresce e expande seus negócios em virtude da exploração do proletário. Candido (2004, p. 113) salienta que "o enriquecimento é feito à custa da exploração brutal do trabalho servil, da renda imobiliária arrancada do pobre, da usura e até do roubo puro e simples, constituindo o que se poderia qualificar de primitivismo econômico". Para ascender socialmente, Romão rouba, trapaceia e explora todos. Dentre os enganados está Bertoleza, uma escrava fugida que além de amante é também seu animal de carga. João Romão se aproveita de Bertoleza e a engana, entregando-lhe uma falsa carta de alforria que ele mesmo fez e:

Comprou então, com as economias da amiga, alguns palmos de terreno ao lado esquerdo da venda, e levantou casinhas de duas portas, dividida ao meio paralelamente à rua, sendo a parte da frente destinada à quitanda e ao fundo para um dormitório que se arranjou com os cacarecos de Bertoleza. (AZEVEDO, 1997, p. 14).

O *cortiço* se desenvolve e o narrador o descreve como um ambiente promíscuo e sujo, em que as relações se envolvem e refletem uma na outra. O narrador coloca o cortiço como um organismo vivo que cresce, se multiplica e determina o caráter de seus moradores, tendo em vista que as ações humanas se baseiam nas influências que recebem do meio, do clima e da raça:

Durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente. E ao lado o Miranda assustava-se, inquieto com aquela exuberância brutal de vida, aterrado defronte daquela floresta implacável que lhe crescia junto a casa, debaixo das janelas, e cujas raízes piores e mais grossas do que serpentes, minavam por toda a parte, ameaçando rebentar o chão em torno dela, rachando o solo e abalando tudo. (AZEVEDO, 1997, p. 23).

No cortiço, estão os moradores de condições financeiras mais precárias, entre eles, Rita Baiana e Capoeira Firmo e os outros portugueses Jerônimo e Piedade, um casal que tem uma filha e veio morar no cortiço há pouco tempo, pois Jerônimo iniciava o trabalho como cavouqueiro na pedreira de João. No decorrer da narrativa, Jerônimo passa a ter um caso com Rita Baiana que abandona seu amante para viver com seu novo amor.

Os personagens vivem no cortiço e mantêm uma relação com espaço que se revela nas características ideológicas, sociais e psicológicas. Ao contrário de João Romão que supera o meio e ascende socialmente, Jerônimo decai. Tendo em vista o caráter exemplar, o narrador o descreve como um homem trabalhador, forte e habilidoso, assim que ele se muda para a estalagem:

Mas não foram só seu zelo e a sua habilidade o que o pôs assim para frente; duas outras coisas contribuíram muito para isso: a força de um touro que o tornava respeitado e temido por todo o pessoal dos trabalhadores, como ainda, e talvez principalmente, a grande seriedade do caráter e a pureza austera dos seus costumes. Era homem de uma honestidade a toda a prova e de uma primitiva simplicidade no seu modo de viver. (AZEVEDO, 1997, p. 46).

Moralmente, Jerônimo é um homem dedicado à família, honesto, responsável; fisicamente, forte como uma rocha; psicologicamente, é considerado pacato e humilde e que mantém os costumes de sua terra natal; e um cristão que vai à missa aos domingos com a família. Contudo, ao se mudar para o cortiço ele se deixa sucumbir pelo ambiente. Ao se envolver com a Rita Baiana, vai perdendo o costume de sua terra natal e se “abrasileirando”, em um processo contínuo de degradação pelo meio, raça e clima. Rita Baiana era síntese da natureza brasileira e seu declínio:

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu quando chegou aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestras da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, muriçoca doída, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambedidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca. (AZEVEDO, 1997, p. 63).

Ao se relacionar com Rita Baiana, Jerônimo se rende à volúpia das terras brasileiras. As forças deterministas o levam à destruição. Ao conquistar a mulata, ele abandona seus

costumes e família e, ao se transformar, perde o caráter superior de europeu, como fica evidente nesse trecho da narrativa:

Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspecto imprevisíveis e sedutores que o comoviam; esquecia-se de seus primitivos sonhos de ambição, para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar do que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e via-se preguiçoso, resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros. E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abraçava-se. (AZEVEDO, 1997, pp.74 - 75).

Dessa forma, através do uso das teses naturalistas, Aluísio de Azevedo, explica as ações humanas baseando-se na influência do meio, da raça e clima sobre o homem, ressaltando no caráter dos personagens questões como vícios e infortúnios, internos e externos, que moldam suas personalidades. Conforme assinala Antonio Candido, há uma relação dialética, no romance, entre o indivíduo e o meio físico, na medida em que o meio determina e/ou é superado pelo homem, retomando alguns aspectos das teorias científicas da época.

Essa dialética fica evidente na trajetórias de João Romão e Jerônimo. Enquanto o primeiro rompe com o determinismo, aproveitando todas as oportunidades para enriquecer, inclusive roubar, tornando-se muito rico e casando-se com uma jovem branca, ele se eleva socialmente. Em contrapartida, Jerônimo é vencido pelo meio e, ao abandonar seus costumes e família, ele aceita sua decadência social. Como observou Antônio Candido

A perspectiva naturalista ajuda a compreender o mecanismo de *O cortiço*, porque o mecanismo do cortiço nele descrito é regido por um determinismo estrito, que mostra a natureza (meio) condicionando o grupo (raça) e ambos definindo as relações humanas na habitação coletiva. Mas esta força determinante de fora para dentro é contrabalançada e compensada por uma força que atua de dentro para fora: o mecanismo de exploração do português, que rompe as contingências e, a partir do cortiço, domina a raça e supera o meio. O projeto do ganhador de dinheiro aproveita as circunstâncias, transformando-as em vantagens, e esta tensão ambígua pode talvez ser considerada um dos núcleos germinais da narrativa. (CANDIDO, 2004, p. 121).

Dessa forma, podemos observar que em *O cortiço*, Azevedo se apropria da ciência da época para dar vida a seus personagens. Sendo Azevedo um grande crítico da sociedade do século XIX, através do romance, ele descreve fragmentos sociais das estruturas vigentes pré-

estabelecidas pela sociedade. Assim sendo, discutiremos a seguir como o clima, meio e raça estão projetados na narrativa.

3.1 Clima, meio e raça

As concepções de meio, raça e clima associadas à ideia do darwinismo social, o qual defendia a ideia da sobrevivência do mais forte assegurava a subordinação das massas. Sendo assim, o Naturalismo coloca de forma mecânica o resultado que o clima, meio, raça produzem sobre o indivíduo. Em vista disso, Antonio Candido salienta que:

O cortiço é o centro de convergência, o *lugar* por excelência, em função do qual tudo se exprime. Ele é um ambiente, um meio — físico, social, simbólico, — vinculado a certo modo de viver e condicionando certa mecânica das relações. Mas além e acima dele o romancista estabeleceu outro meio mais amplo, a "natureza brasileira", que desempenha papel essencial, como explicação dos comportamentos transgressivos, como combustível das paixões e até da simples rotina fisiológica. Aluísio aceita a visão romântico-exótica de uma natureza poderosa e transformadora, reinterpretando-a em chave naturalista. Para ele, é como se a nossa fosse incompatível com a ordem e a ponderação dos costumes europeus; e ao cair nessa falácia mesológica, que tanto perturbou naquele tempo a vida intelectual brasileira e a própria definição de uma consciência nacional, ele deixa transparecer o pessimismo, alimentado pelo sentimento de inferioridade com que a sua geração retificou a euforia patriótica dos românticos. (CANDIDO, 2004, p. 120, *grifos do autor*).

No romance, Rita Baiana é a síntese da natureza brasileira no estrangeiro. Ao vê-la dançando, em uma roda de samba, o português ficou perdidamente apaixonado, dando início à alteração de seu caráter e de seu corpo. Trocou o vinho pela cachaça, o bacalhau pela carne-seca e o feijão-preto; aprende a fumar, apura os sentidos e aos poucos foi perdendo as forças (AZEVEDO, 1997, p.75). Rita Baiana mimetiza a própria terra, a mestiça era o sol, o clima que embriaga os homens. A personagem é comparada a elementos da natureza, “ela era a luz ardente do meio-dia”, “a palmeira virginal”, “a castanha do caju”, “a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos [...]” (AZEVEDO, 1997, p. 63). Conforme analisa Antonio Candido, a diferença entre os dois portugueses no que tange à resistência ao poder da natureza tropical sela o destino de ambos:

No começo é como se o cortiço fosse regido por lei biológica; entretanto a vontade de João Romão parece ir atenuando o ritmo espontâneo, em troca de um caráter mais mecânico de planejamento. Os dois ritmos estão sempre presentes, mas o desenvolvimento da narrativa implica o lento predomínio do segundo sobre o primeiro, como se a iniciativa do capitalista estrangeiro fosse enformando e orientando o jogo natural das condições locais. Ele usa as forças do meio, não se submete a elas; se o fizesse, perderia a possibilidade de se tornar capitalista e se

transformaria num episódio do processo natural, como acontece com o seu patrício Jerônimo, o cavouqueiro hercúleo que opta pela adesão à terra e é tragado por ela. (CANDIDO, 2004, p. 118).

Diferente de Jerônimo que cai em desordem, João Romão, também português, em percurso inverso, dirige-se para a ordem. Uma alegoria do estrangeiro que admite a imposição da terra e o outro estrangeiro que vem para dominá-la e dela se beneficiar. Romão, traçado com um explorador e ladrão, que passa por todos os tipos de privações, sempre “em mangas de camisa”, de “tamancos”, “sem meias” e a “barba por fazer”, aos poucos se transforma em um novo homem, conforme amalha, exponencialmente, sua fortuna: “Mandou fazer boas roupas e aos domingos refestelava-se de casaco branco e de meias, assentado defronte da venda, a ler jornais. Depois deu para sair a passeio, vestido de casimira, calçado e de gravata” (AZEVEDO, 1997, p. 115).

Observa-se que o que acontece no plano social, também acontece na natureza, como o ambiente brasileiro atua, ferozmente, sobre a espaço europeu: “Assim à refulgente luz dos trópicos amortece a fresca e doce claridade dos céus da Europa, como se o próprio sol americano, vermelho e esbraseado, viesse, na sua luxúria de sultão, beber a lágrima medrosa da decaída rainha dos mares velhos” (AZEVEDO, 1997, p.62). A natureza brasileira é tão poderosa no romance que Piedade, a mulher de Jerônimo, a culpa pela mudança do marido:

E nos seus movimentos de desespero, quando levanta para o céu os punhos fechados, dir-se-ia que não era contra o marido que se revoltava, mas sim contra aquela amaldiçoada luz alucinadora, contra aquele sol crapuloso, que fazia ferver o sangue aos homens e metia-lhes no corpo luxúrias de bode. Parecia rebelar-se contra aquela natureza alcoviteira, que lhe roubara seu homem para dá-lo a outra, porque a outra era gente de seu peito e ela não. (AZEVEDO, 1997, pp. 136-137).

O poder avassalador de transformação da natureza brasileira é apontado como um dos motivos da briga entre o cortiço de Romão e o rival Cabeça de Gato e, também, a coloca como principal agente da passagem de Pombinha de menina para mulher.

O cortiço está diretamente ligado ao ambiente tropical sempre comparado a uma grande mata, a um formigueiro ou a uma enorme serpente: “E naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco” (AZEVEDO, 1990, p. 22). De início, o narrador descreve a estalagem como um organismo vivo, independente, desgovernado, em que clima e o sangue são agentes deterministas. Mais adiante, o narrador apresenta o cortiço, em primeira instância, de forma

generalizada, são “machos e fêmeas”, “cabeças congestionadas de sono”, ruídos e vozes que se dissolvem no “grande formigueiro”. Causando assim, uma indeterminação nos moradores:

Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite. (AZEVEDO, 1997, p. 35).

No romance a imagem do cortiço é a de um espaço de enfermidade, vícios e de grande corrupção moral. Dessa forma, Pombinha, jovem tranquila, se torna prostituta e, mais tarde, conduz a filha de Jerônimo a seguir o mesmo caminho: “A cadeia continuava e continuaria interminavelmente; o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher ao lado de uma infeliz mãe ébria” (AZEVEDO, 1997, p. 171). A estalagem é um ambiente insalubre que corrompe e determina o destino de seus moradores. Como recinto que não dispõe da menor condição de limpeza a estalagem estava atrelada às mais variadas doenças da época. Azevedo recria o discurso do imaginário comum na sociedade brasileira que considerava os alojamentos coletivos como degradantes, abrigos de bandidos.

O romance, imprime elementos nacionais importante para a compreensão do Brasil no século XIX. Com isso, Candido (2004, p. 119) salienta que o cortiço seria uma alegoria do Brasil “com a sua mistura de raças, o choque entre elas, a natureza fascinadora e difícil, o capitalista estrangeiro postado na entrada, vigiando, extorquindo, mandando, desprezando e participando”.

Dessa forma, a trajetória de Romão e do cortiço passa por grandes transformações. A transformação do cortiço modifica a vida de todos os moradores, enquanto uns são sugados pelo ambiente, outros elevam-se e rompem com o determinismo. Entre triunfos e fracassos, o grande vencedor é o explorador estrangeiro, é o que vamos discutir em seguida.

3.2 Inserção econômica: fracasso e triunfo da exploração

Tendo em vista, que n’*O cortiço* o explorador e explorado, negro e branco, estrangeiro e brasileiro, têm uma relação muito próxima, observa-se uma ambivalência nesse espaço que contribui para a contradição das teorias deterministas. Levando em conta que as ciências do século XIX não consideravam a subjetividade do homem e tinham o meio como fator

determinante na ações do indivíduo, sem considerar a essência humana, nem as mudanças sociais, nota-se essa contradição nas ações dos personagens João Romão e Jerônimo.

O comportamento diferente dos portugueses já invalida a concepção determinista em que o homem é produto absoluto do meio. João Romão e Jerônimo, além de serem conterrâneos, compartilham o mesmo espaço. No entanto, Romão é um avarento que passa de um estrangeiro pobre para um empresário de sucesso. Consegue essa façanha roubando e explorando não apenas as pessoas, mas também a terra. Dessa forma, em seu ensaio "De cortiço a cortiço", Antonio Candido (2004, p. 116) observa que

O roubo e a exploração desalmada de João Romão são expostos como comportamento-padrão do português forasteiro, ganhador de fortuna à custa do natural da terra, denotando da parte do romancista uma curiosa visão popular e ressentida de freguês endividado de empório.

Nesse sentido, João Romão é um estrangeiro sem escrúpulo que vem para o Brasil com o anseio de enriquecer explorando o nativo e a terra, cujo objetivo é regressar a seu país de origem após sugar as riquezas dos trópicos e conquistar sua ascensão. Romão transita da construção do cortiço até a sua aristocratização, o que o marca como homem desonesto e avarento motivado pelo desejo insano de enriquecer a qualquer custo e faz de tudo para conseguir. João Romão comete as mais absurdas atrocidades para lograr êxito em seus propósitos. Nesse sentido, Miranda é seu principal oponente, sobretudo no que se tange à ascensão social. A inveja de Romão sobre seu oponente é uma das vicissitudes responsável pela sua transformação.

Miranda é uma espécie de espelho para Romão e Jerônimo, tendo em vista que ambos são portugueses e vieram para o Brasil com o intuito de fazer fortuna e regressar a Portugal. João Romão “invejava agora o Miranda, invejava-o deveras, com dobrada amargura do que sofrera o marido de Dona Estela, quando, por sua vez, o invejara a ele” (AZEVEDO, 1997, p. 90). Acusa o narrador ao mencionar o agraciamento por Miranda ao receber o estimado título de barão e seus desdobramentos, ou melhor, a movimentação que causou no cortiço e, principalmente, o comportamento de João Romão diante da conquista do seu vizinho.

Ah! ele (João Romão) esse dia estava intolerante com tudo e com todos; por mais de uma vez mandara Bertoleza à coisa mais imunda, apenas porque está lhe fizera algumas perguntas concernentes ao serviço. Nunca o tinha visto assim, tão fora de si, tão cheio de repelões; nem parecia aquele mesmo homem inalterável, sempre calmo e metódico. E ninguém seria capaz de acreditar que a causa de tudo isso era o fato de ter sido o Miranda agraciado com o título de Barão. (AZEVEDO, 1997, p. 90).

Conforme elucidado pelo narrador, o incômodo de Romão não era pelo fato de o vizinho ser rico, ter bajuladores, dar grandes festas, conhecer pessoas importantes, mas o título de barão. Isso sim o atormentava, despertando a paixão com tamanho sofrimento e tirando-lhe o sossego. O emblemático título de baronato faz resplumbrar a motivação, a raiz da inveja de Romão por Miranda. Assim sendo, a inveja é um elemento crucial na transformação contínua de João Romão, cujo desejo de se igualar a seu vizinho é conquistado através de um percurso cruel e desumano.

De início, o narrador revela a divisão do trabalho entre João Romão e Bertoleza, que se aprimorava, cruelmente. No percurso capitalista de Romão, ele destruirá outras personagens em ascensão que cruzarem seu caminho, entre elas, Bertoleza. Ela é muito mais do que o burro de carga de Romão e uma escrava. No início do romance, é possível vê-la como uma aspirante à ascensão social, mas é impedida pelo racismo. Mesmo que o seu estabelecimento se voltasse para a sobrevivência, devido à sua condição de escrava fugida, ela precisava, mensalmente, pagar o jornal do seu dono. Bertoleza cuida de sua quitanda, paga o seu dono e ainda guarda o suficiente para no futuro pagar sua alforria. A intenção de Bertoleza ao se juntar com Romão era a possibilidade de organizar seu estabelecimento e sua vida, com esse objetivo ela confia toda sua economia e faz dele seu “procurador e conselheiro”. Tendo em vista que, *a priori* Romão estava em uma situação econômica inferior a de Bertoleza, é ele quem a procura e passam a viver juntos e esse processo eleva Romão socialmente. Diferente da amiga, pois a aproximação social entre eles, caminhou para a destruição e findou com sua morte.

Nesse sentido, Candido coloca que no romance “O português tem a força, a astúcia, a tradição. O brasileiro serve a ele de inepto animal de carga, e sua única vingança consiste em absorvê-lo passivamente pelo erotismo, que, já vimos, aparece como símbolo da sedução da terra” (CANDIDO, 2004, p. 123). Dessa forma, Azevedo expõe a dinâmica capitalista de enriquecimento do estrangeiro, que ascende socialmente através da exploração do nativo e da terra.

No romance, a situação econômica de Romão faz o mesmo percurso de Bertoleza. Ele que era funcionário de um português vendeiro desde muito jovem, ganha a venda como pagamento dos muitos anos de serviços prestados e passa a economizar de todas as formas. Ela era escrava de um idoso cego que morava em Juiz de Fora e “pagava de jornal a seu dono vinte mil-réis por mês, e, apesar disso, tinha de parte quase que o necessário para a alforria” (AZEVEDO, 1997, p. 13). A sua quitanda era a mais frequentada, inclusive, o Romão era seu freguês e fazia suas refeições diárias em seu estabelecimento. Antes de se “amigar”, eles eram

muito produtivos e capazes, não apenas de sobreviver, mas de economizar e fazer planos. Contudo, ao se juntarem, Romão engana Bertoleza com uma carta de alforria falsa e com seu dinheiro ele aumenta suas propriedades. Conforme o narrador coloca, João Romão, de início, não se diferencia de Bertoleza, à medida que eles exploram a si mesmo no trabalho, tendo em vista que ambos trabalham dia e noite, sempre em condições precárias, “sem domingos nem dias santo”.

O grande salto para ascensão social de Romão é a pedreira. Com esse processo de transformação da natureza, conforme indica o narrador, Romão passa a ganhar muito e em pouco tempo. A chegada e contratação do novo operário, também português, é ainda melhor para o vendeiro. Jerônimo promete organizar o trabalho e ampliar a exploração dos operários e da pedreira, por um salário de “70 mil réis”, após pensar por alguns instantes, Romão aceita ao considerar que o dinheiro ira retornar, tendo em vista que Jerônimo irá gastar todo o dinheiro na sua venda e no aluguel do cortiço.

Nesse percurso de acumulação de capital, Romão aproveita todas as chances, inclusive a do incêndio no cortiço, o qual após a destruição ele reforma e aumenta o aluguel dos inquilinos. Dada as circunstâncias, o vendeiro passa a desejar viver de forma a transparecer sua riqueza e elevar-se na pirâmide social: civilizar-se. Logo se dá a sua perceptível mudança, inicia-se a preocupação em se mostrar mais importante e rico que o vizinho barão começando por modificar o próprio cortiço “abriria as portas em arco, suspenderia o teto e levantaria um sobrado, mais alto que o do Miranda e, com toda a certeza, mais vistoso. Prédio para meter o do outro no chinelo...”. (AZEVEDO.1997, p. 149). João Romão almeja fazer parte da família do barão através do casamento com sua filha Zulmira para tomar sua fortuna e ganhar um título maior do que o do sogro.

Mas, só com lembrar-se da sua união com aquela brasileira fina e aristocrática, um largo quadro de vitórias rasgava-se defronte da desensofrida avidez da sua vaidade. [...] caber-lhe-ia mais tarde tudo o que o Miranda possuía, realizando-se deste modo um velho sonho que o vendeiro afagava desde o nascimento da sua rivalidade com o vizinho.

E via-se já na brilhante posição que o esperava: uma vez de dentro, associava-se logo com o sogro e iria pouco a pouco, como quem não quer a coisa, o empurrando para o lado, até empolgar-lhe o lugar e fazer de si um verdadeiro chefe da colônia portuguesa no Brasil; depois, quando o barco estivesse navegando ao largo a todo o pano — Tome lá alguns pares de contos de réis e passe-me para cá o título de Visconde! (AZEVEDO. 1997, p. 160).

Sendo assim, para pôr seu plano em pratica e concretizar a sua ascensão, após a reforma da estalagem, Romão precisava se inserir de vez na sociedade, para tanto, havia um empecilho, a Bertoleza. Para se livrar dela, ele a entrega como escrava fugida e, assim,

acontece a cena mais brutal do romance, o suicídio de Bertoleza, ao perceber que foi enganada:

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar. [...] Bertoleza então, erguendo com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgava o ventre de lado a lado. (AZEVEDO, 1997, p. 175).

Por fim, Romão alcança suas metas à custa da exploração e da criminalidade. O suicídio de Bertoleza assinala o lado sujo do estrangeiro na percepção do romance. Bertoleza foi usada como degrau para a escalada de Romão rumo ao sucesso, porém ao chegar, ela passa representar um estorvo em seus planos capitalistas. Tendo em vista que Bertoleza, segundo a percepção do antigo taverneiro, era uma mulher negra, de raça inferior, logo ela não poderia permanecer ao seu lado, pois ele era fino, civilizado e precisava de uma mulher à altura. Dessa forma, ele tenta se desvincular dela de várias formas, mas sem sucesso, pois Bertoleza tinha consciência de seu trabalho e dedicação como fica evidente no enxerto:

— Você está muito enganado, seu João, se cuida que se casa e me atira à toa! exclamou ela. Sou negra, sim, mas tenho sentimentos! Quem me comeu a carne tem de roer-me os ossos! Então há de uma criatura ver entrar ano e sair ano, a puxar pelo corpo todo o santo dia que Deus manda ao mundo, desde pela manhãzinha até pelas tantas da noite, para ao depois ser jogada no meio da rua, como galinha podre?! Não! Não há de ser assim, seu João! (AZEVEDO, 1997, p. 166).

É perceptível que Bertoleza tinha total consciência de que contribuiu, diretamente, para a ascensão social do amigo, e como tal ela tinha direito de desfrutar de todo conforto. No entanto, Romão assume sua posição de escravista e recorre à política do Estado que usa todos os seus meios para reescravizá-la e colocá-la de volta na condição mero bem material e, assim, ele continuará seu caminho. No momento da morte de Bertoleza, ele esconde o rosto, mas a vida segue normalmente: “Nesse momento parava a porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinham, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito” (AZEVEDO, 1997, p. 175). Nesse sentido, João Romão tem pleno êxito e triunfa, pois conquista tudo que desejou: fortuna e título, no entanto, o novo sócio benemérito fracassa enquanto ser humano.

A atitude dos portugueses referente à escolha de suas amantes, Romão que troca a negra escrava pela mimosa mocinha ressalta a ideia da superioridade das raças:

Bertoleza devia ser esmagada, devia ser suprimida porque era tudo que havia de mau na vida dele! Seria um crime conservá-la a seu lado! Ela era o torpe balcão da primitiva bodega; era o aladroadado vintenzinho de manteiga em papel pardo; era o

peixe trazido da praia e vendido à noite ao lado do fogareiro à porta da taberna; era o freguês imundo e a lista cantada das comezainas a portuguesa; era o sono roncado num colchão fétido, cheios de bicho; ela era a sua cúmplice e era todo o seu mal — devia pois extinguir-se! Devia ceder o lugar à pálida mocinha de mãos delicadas e cabelos perfumados, que era o bem, porque era o que ria e alegrava, porque era a vida nova, o romance solfejado ao piano, as flores nas jarras, as sedas e as rendas, os chás servidos nas porcelanas caras; *era enfim a doce existência dos ricos, dos felizes e dos fortes, dos que herdaram sem trabalho ou dos que, a puro esforço, conseguiram acumular dinheiro, rompendo e subindo por entre o rebanho dos escrupulosos ou dos fracos.* (AZEVEDO, 1997, p. 161, *grifos nossos*).

Nesse contexto, a mulher branca significa o luxo, a concretização de superioridade e ascensão. Diferente da negra, que era toda a sua miséria e decadência. É o que vemos com Jerônimo que decai ao se apaixonar por uma mulata e ser reduzido a animal, “[...] a mulata era o prazer, era a volúpia, era o fruto dourado e acre destes sertões americanos, onde a alma de Jerônimo aprendeu lascívia de macaco e onde seu corpo porejou o cheiro sensual dos bodes” (AZEVEDO, 1997, p. 131).

Sendo assim, Romão triunfa ao vencer o meio abandonando a mulher de "raça inferior" e casando-se com a branca representante da "raça superior". O percurso de Romão que o levou ao sucesso financeiro foi cruel e abominável, tendo em vista sua ganância e métodos inescrupulosos para enriquecer, sendo uma das denúncias realizadas pelo romance. Em contrapartida, Jerônimo abandona a mulher branca para se juntar com uma de "raça inferior", logo é reduzido um animal e sucumbido pelo clima tropical que o degenera. Ao agir como um nativo Jerônimo fracassa, pois perde a possibilidade de dominar a terra e triunfar como os seus conterrâneos, logo foi engolido pelos trópicos que se configura na personagem de Rita.

Como narrativa naturalista, *O Cortiço* se vale de uma abordagem objetiva do cientificismo da época. Os estudos científicos preconizavam uma hierarquia racial, supondo a superioridade das raças, tendo em vista que negros e mestiços eram inferiores. Em *O cortiço*, utilizando da tese científica, o personagem Romão é o português que vem para os trópicos e o domina, ao casar-se com uma mulher de raça superior, ele firma sua ascensão. Em percurso inverso, Jerônimo deixa a mulher branca para juntar-se com uma mulata, é enfeitiçado pela raça inferior, dessa maneira sucumbe e, aos poucos, é devorado pela insalubridade do clima.

Rita, assim como a terra é sensual, envolvente, livre. Ela era um mulher que contrariava a sociedade da época, tendo em vista que era uma mulher independente não pensava em casamento ou ser dona de casa. "Casar? Protestou Rita. Nessa não cai a filha de meu pai! Casar pra quê? Pra arranjar cativo? Um marido é pior que o diabo; pensa logo que a gente é escrava! Nada! Deus te livre! Não há como viver cada um senhor e dono do que é

seu! (AZEVEDO, 1997, p. 50). No entanto, após seu envolvimento com Jerônimo, ela muda seu comportamento. Ela o influencia à medida que, também, é influenciada.

Considerando as teorias deterministas que regem o mundo do cortiço, Jerônimo decai ao conquistar Rita e abandonar os costumes de sua terra e sua família. A partir daí, se entrega aos desejos da carne e aos vícios. Nessa perspectiva, ele se dissolve na terra nova, quando começa a agir como brasileiro e perde a posição de dominador para objeto dominado. Por outro lado, Rita é o fruto da terra, objeto de desejo que Jerônimo conquista. Sendo assim, mesmo exercendo uma certa influência nas ações do português, ela permanece em uma posição de inferioridade, não apenas por ser mulher, mas, principalmente por ser negra. Logo, ela é dominada por Jerônimo, uma vez que, deixa de trabalhar para se dedicar ao marido e à casa. Sendo assim, é possível concluir que, o contexto social, na perspectiva do romance, muda os comportamentos e as personalidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil do século XIX foi marcado pela transição e pelos conflitos de ideias transpassadas de conhecimentos científicos, ideológicos, políticos e sociais importados da Europa. No auge desse período histórico, estavam as teorias racistas, cujo objetivo era compreender o país e suas questões sociais por intermédio de explicações biológicas. Coube, aos intelectuais brasileiros, a adaptação das diferentes ideias no plano nacional, porém, muitos foram incapazes de perceber que as maiores questões do país eram a falta de políticas públicas e não a suposta inferioridade racial dos mestiços e negros.

Como se sabe, mesmo com a Lei Euzébio de Queiroz, o tráfico interno permaneceu por um longo período e, muita luta entre os abolicionistas e os latifundiários foram travadas. No entanto, a luta dos abolicionistas era acabar com a escravidão, contudo eles não pensaram no que fazer para inserir os negros “livres” na sociedade, deixando-os à margem da própria sorte. A escravidão deixou marcas irreparáveis na vida dos negros e seus descendentes, mesmo após a Abolição.

Na literatura, os problemas sociais do Brasil estavam em voga através das metáforas e alegorias que tentavam criar o retrato da sociedade da época. Em *O cortiço*, observamos representações culturais e sociais históricas, cujos preceitos deterministas aparecem nas manifestações da natureza tropical que induzem e modificam a vida dos homens. No romance, as teorias raciais são representadas na ficção em personagens mestiços e negros nas suas relações diretas com os estrangeiros e os nativos estereotipados como animais selvagens que agem por instintos. Tais concepções colocavam os negros e seus descendentes brasileiros como inferiores aos europeus e fundamentavam os preconceitos das classes abastadas. Não apenas na ficção, mas a sociedade oitocentista via os mestiços como incapazes de promover a modernidade e caberia ao estrangeiro o dever de elevar o país.

O branqueamento da raça seria uma iniciativa civilizatória, visto que os estudiosos da época acreditavam que, com a ajuda dos imigrantes europeus, iria se extinguir o elemento negro em 100 anos, o que culminaria na evolução do Brasil, pois o motivo do seu atraso estava, justamente, nos mestiços e negros.

A ciência determinista chegou a sustentar políticas de Estado com base nas teorias eugenistas. O Brasil que sonhava com a modernidade, visto como um “país do atraso”, contemplava as teorias da época como uma oportunidade de avançar rumo à civilização. Seguindo esse molde, a transformação de João Romão e sua estalagem é ilustrativa, tendo em

vista que o cortiço ganhou ares aristocráticos e os moradores passaram a ser selecionados. Semelhante ao cortiço, o Brasil estava passando por transformações, se modernizando com novas infraestruturas e se distanciando do seu passado colonial. Neste processo, Aluísio de Azevedo atenta para a relação próxima e asfixiante entre explorador e explorado que reformula as ideais liberais econômicas num sistema escravagista.

No romance, seguindo a estética naturalista, a individualidade é banalizada diante de uma natureza humana submissa às paixões condicionadas pelo meio e pelas condições biológicas, conforme preconizava a teoria evolucionista da sobrevivência do mais apto. A indiferença, a ganância e a violência que movimentam o percurso de triunfo social são personalizadas em João Romão que desconhece limites éticos.

Regida pelas teorias em voga, é possível dizer que no romance a inveja é uma paixão, um elemento fortemente explorado e colocada como um dos argumentos principais do enredo. Em todo o enredo, encontramos a inveja como um item primordial nas relações, tanto que contribui de forma contundente para o desfecho da narrativa caracterizada pelo triunfo financeiro e social de João Romão, simbolizando assim, a ideia da sobrevivência do mais forte, baseada na seleção natural da teoria darwinista. Por outro lado, abandonar-se à natureza tropical produziria degeneração, indolência e fracasso, como ficou marcada na trajetória de Jerônimo.

Entretanto, o molde determinista é fraturado no romance azevediano e a política de enriquecimento às custas da brutalidade e reificação do humano encontra sua crítica contundente e implacável. Se João Romão alcança a sua cobiçada ascensão social, ela aparece ao lado da tragédia a que são condenados todos aqueles que foram usados como degraus nesta subida inescrupulosa e abjeta, colocando em xeque o sistema desigual e opressivo.

Dessa forma, conclui-se que a literatura é uma fonte legítima e rica de elementos históricos, posto que guarda registros profundos do imaginário de uma sociedade, já que alterna entre recriar e reforçar conceitos sociais e negando e debatendo estruturas de poder.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Editora Globo, 1997.

BRASIL. *Decreto nº 528, de 28 de Junho de 1890*. Regularisa o serviço da introdução e localização de imigrantes na Republica dos Estados Unidos do Brazil. Coleção de Leis do Brasil - 1890, Página 1424 Vol. 1 fasc.VI (Publicação Original). Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Regularisa%20o%20servi%C3%A7o%20da%20introdu%C3%A7%C3%A3o,dos%20Estados%20Unidos%20do%20Brazil.&text=3%C2%BA%20A%20policia%20dos%20portos,como%20dos%20mendigos%20e%20indigentes.>> Acesso em 11 mar. 2021

CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. In: _____. *O discurso e a cidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004. pp. 105-129.

COUTINHO, Afrânio. 3. Naturalismo. In: _____. *Introdução à Literatura no Brasil*. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. pp. 188-190.

LACERDA, João Baptista de. *Congresso Universal das Raça*. Rio de Janeiro: s.n. 1912. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. Previsões são sempre traiçoeiras. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan.-mar. 2011, p.225-242. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/wRVg8H99n65JLwhF9BMbHpF/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 1 jul. 2021.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: História de uma ideologia*. 8. ed. São Paulo: Unesp, 2017.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Global Editora, 2015.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, Qual romance? Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

ZOLA, Émile. *O romance experimental e o Naturalismo no teatro*. 1. ed. Trad. Italo Caroni; Célia Berrettini. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ANEXOS

ANEXO 1

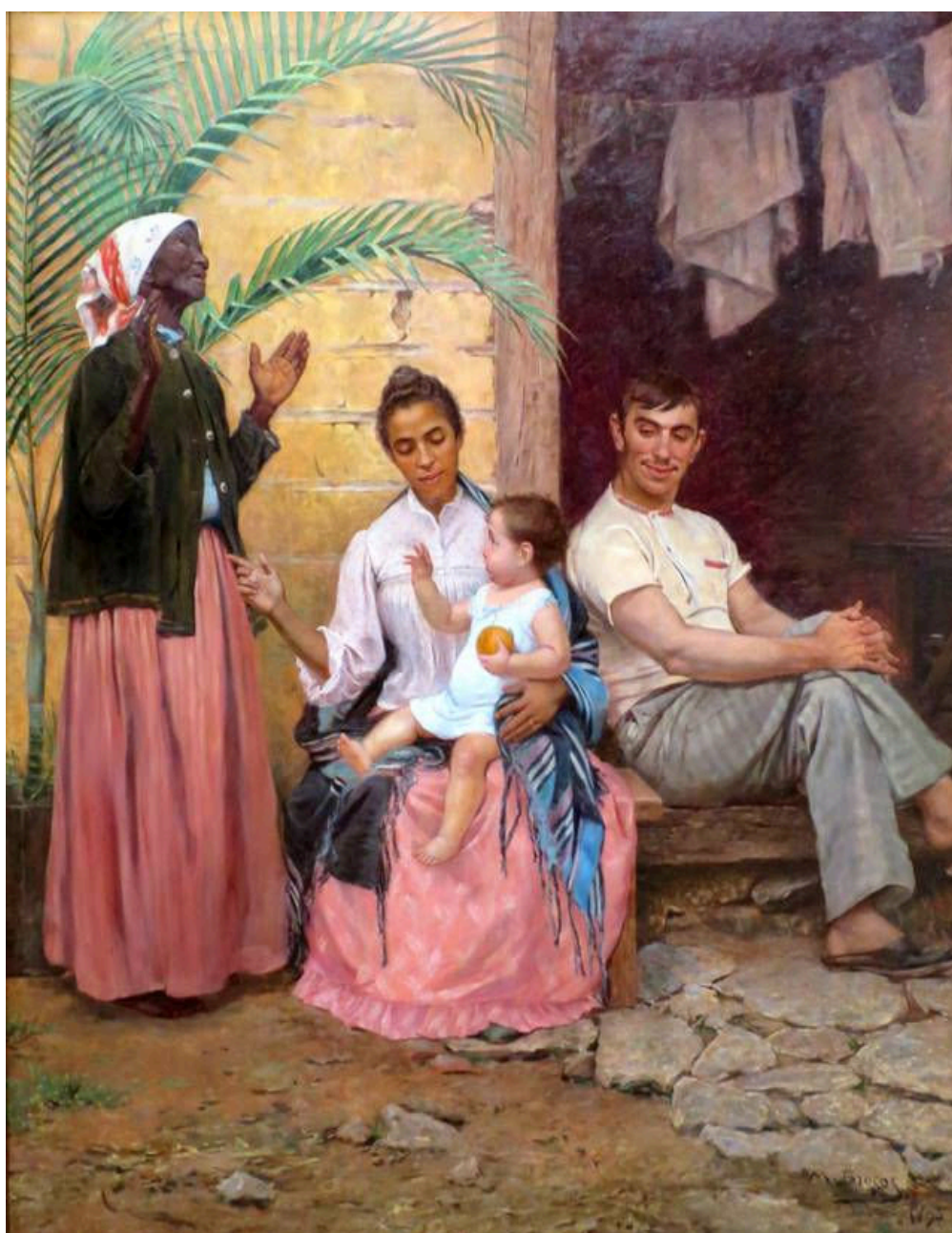
"The white man's burden" (*Apologies to Kipling*). Judge, Judge Publishing Company, New York, 1899. Artista: Victor Gillam.



Disponível em: <https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-O-fardo-do-homem-branco-Victor-Gilliam-Nova-York-1899_fig2_325131628>. Acesso em: 12 mar. 2021.

ANEXO 2

A Redenção de Cam (1895) de Modesto Brocos.



Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702011000100013>>. Acesso em: 11 mar. 2021.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
COLEGIADO DE LETRAS



Ata de Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso da/o Graduanda/o JIRLENE DOS ANJOS SANTOS.

Ao vigésimo quarto dia do mês de maio do ano de dois mil e vinte e um, às quatorze horas, na sala virtual pela Plataforma Google Meet do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, reuniram-se a/o Professora/o **MÔNICA GOMES DA SILVA**, na qualidade de orientadora/o e Presidente da Banca de TCC, a/o Professora/o **SILVANA CARVALHO DA FONSECA** e a/o Professora/o **TARCÍSIO FERNANDES CORDEIRO**, como membros da banca, comunidade acadêmica e convidados para apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: *Triunfos e fracassos da exploração: o determinismo nos personagens João Romão e Jerônimo em O cortiço de Aluísio Azevedo*, de autoria da/o discente **JIRLENE DOS ANJOS SANTOS**, do Curso de Licenciatura em Letras. Após a apresentação pela/o autora/o e as considerações feitas pela banca, esta se reuniu e deliberou pela aprovação do trabalho, atribuindo-lhe as seguintes notas:

Nota: 9,0 (nove pontos)

Professor (a): **MÔNICA GOMES DA SILVA**

Nota: 9,0 (nove pontos)

Professor (a): **SILVANA CARVALHO DA FONSECA**

Nota: 9,0 (nove pontos)

Professor (a): **TARCÍSIO FERNANDES CORDEIRO**

A/o discente **JIRLENE DOS ANJOS SANTOS** foi **APROVADA/O** com a média 9,0 (nove pontos).

Amargosa/ BA, 24 de maio de 2021

MÔNICA GOMES DA SILVA
Presidente da Banca de TCC